

Projecto prevê edificação de espaço museológico:

Associação Convivência cria projecto pioneiro pela inclusão em Aveiro

Está a nascer no distrito de Aveiro um movimento de cidadania e de fomento de uma democracia participativa que apela à construção de um território mais inclusivo e solidário. A dinâmica partiu da Associação Convivência e, apesar da curta existência da instituição, é já longa a história para contar. O próximo desígnio da Associação Convivência passará pela construção de um espaço museológico em Aveiro onde os visitantes possam vivenciar, na primeira pessoa, as dificuldades sentidas no quotidiano pelos seus pares que são forçados a enfrentar os mais diversos obstáculos, físicos ou ideológicos. A par, num espaço que deverá constituir uma espécie de símbolo identitário da região em que se inserirá, serão propostas aos aderentes actividades culturais, de lazer ou de simples convívio, onde o toque e os afectos predominarão, numa oferta que incluirá um misto de sinestésias positivas que resultará da prévia auscultação da comunidade aveirense.

Por isso, a Associação Convivência, que elege como missão desenvolver programas vinculados com a educação, a inclusão e a integração, dirigidos à população em geral, mas fortemente direccionados para a diversidade humana, tem vindo a desenvolver uma agenda de eventos, em que é denominador comum o convite à participação da comunidade local, subordinados a temáticas fracturantes, como a deficiência, a sexualidade, a religião, as etnias, as dependências, entre outros. No dia 21 de Abril, Dependências aderiu ao desafio e marcou presença no 1º Seminário, com o Dr. João Goulão- Director Geral do SICAD, Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências.

Numa altura em que se fala do perfil dos alunos do Séc. XXI, foi intenção da Associação Convivência criar um espaço de referência para práticas e políticas inclusivas sobre a temática das dependências, na cidade de Aveiro, ajudando os alunos dos agrupamentos escolares locais a entender as escolhas que contribuem para a sua segurança e da cidade onde vivem, possibilitando a construção de um futuro sustentável e envolve-los em projectos de cidadania activa. No final do evento, entrevistámos Rui Diniz, Presidente da Associação Convivência



**RUI DINIZ,
PRESIDENTE DA
ASSOCIAÇÃO
CONVIVÊNCIA**

“Saberão os pais o que fazer, quando um filho apresenta comportamentos desviantes”

Como surgiu esta ideia da Associação Convivência, da criação de um espaço museológico subordinado à inclusão?

Rui Diniz (RD) - Esta ideia nasceu em São Paulo, no Brasil, numa altura em que organizávamos o World Bike Tour pela Inclusão. Nesse contexto, surgiu a ideia de criarmos um espaço museológico social onde pudéssemos abordar todos estes temas que não são convenientemente tratados pela sociedade. Refiro-me concretamente às questões ligadas com a deficiência, com a homossexualidade, com a religião, com as dependências, as etnias, entre outras. Em suma, a Associação Convivência surge de uma ideia aliada a um projecto que o IDT bem conheceu e apoiou e tivemos a ideia de construir em Aveiro o primeiro museu mundial do género, o Museu da Convivência, um espaço museológico social que pretende que as pessoas, na sua visitação, vistam o papel dos outros, assumindo um papel diferente daquele que é o normal no seu dia-a-dia e, assim, compreendam melhor a inclusão e a integração social.

No fundo, trata-se de propor vivências em que as pessoas simulam a situação por que passam esses tais “excluídos”...





RD - Exactamente... As dificuldades por que as pessoas passam, movimentarem-se com os olhos vendados, contarem histórias sem poderem falar, associar as questões do sentimento... Nesse sentido, preconizámos criar a Associação Convivência e desenvolver todo o trabalho junto da população da cidade. Portanto, o museu vai surgir a partir de uma necessidade que a própria população irá criar. Neste momento, estamos a trabalhar com as escolas, nomeadamente com cerca de 600 crianças do ensino pré-escolar, um trabalho que iniciámos em Setembro do ano passado, no âmbito do qual estamos a transmitir algumas ideias e valores que, acreditamos, nos irão ajudar no futuro à construção do próprio museu. Esta iniciativa de hoje, subordinada às dependências enquadra-se nesse sentido. Começámos, a montante, com os mais novos mas também era importante dar uma resposta aos jovens que atravessam uma idade em que se sentem um pouco perdidos neste mundo em que são confrontados diariamente com milhares de mensagens e não sabem como trata-las. Muitas vezes, é a partir deste tipo de fenómenos que surgem as dependências. Na nossa profissão, deparamo-nos frequentemente com jovens que se sentem perdidos e não sabem a quem pedir ajuda e como se orientar e, então, surge esta iniciativa: convidámos os quatro agrupamentos de escolas da nossa cidade e o que queremos saber é como Aveiro trabalha este tema, que instituições estão no terreno, se conhecem os jovens, que programas e acções estão a implementar... Mais tarde, os pais: saberão os pais o que fazer, como actuar e a quem se dirigir quando um filho apresenta comportamentos desviantes? Por outro lado, pretendemos criar uma rede de trabalho diferente daquela que já existe.

Daí também a presença de instituições tão diversas do distrito de Aveiro...

RD - Exactamente. Consideramos muito válida a rede existente mas entendemos que é preciso voltarmos novamente ao terreno e sentir o que os jovens têm para nos dizer. Os cenários do dia-a-dia mudam constantemente, é preciso ouvir os jovens, que têm sempre coisas novas para nos contar e ainda hoje, na sessão da manhã, ouvimos os moderadores afirmarem terem sido surpreendidos com as novas ideias que eles nos apresentaram.

Em que medida será intenção da Associação Convivência criar em Aveiro um movimento de cidadania assente numa base de democracia participativa?

RD - Sim, é hoje muito importante auscultar para intervir. Viver numa cidade e não participar na sua construção é a negação de viver. Temos que valorizar a cooperação num mesmo espaço a fa-

vor da construção de um melhor dia-a-dia. E isso traduz-se em pequenos toques que, a médio prazo, irão certamente alterar a realidade de uma cidade. E quem sabe poder disseminar esta ideia pelo restante país.

Já existe alguma previsão para a data da edificação do espaço museológico?

RD - Já existe efectivamente a ideia do que deverá ser o espaço museológico, que deverá combinar elementos identificativos da região de Aveiro, onde a entrada da água deverá estar presente, assim como a acessibilidade pela Ria, a sustentabilidade de todo o edifício, a existência de praças que potenciem a realização de performances e actividades teatrais e outras manifestações culturais temporárias ou permanentes... Este museu deve falar, sobretudo, o dia-a-dia. Todos os dias, as pessoas têm que sentir que o museu tem algo para contar. Tem que ser um museu dinâmico, de interacção, um museu do touch, de afectos, participativo e todos temos que sentir que está ali algo nosso.

Serão certamente necessários apoios...

RD - Sim, são necessários apoios mas, mais do que isso, é necessário fazer algum trabalho com a comunidade. É necessário sensibilizar a comunidade para a importância da temática que está inerente a este projecto. Nesse sentido, confesso que a Associação está a sentir "dores de crescimento", uma vez que, face à inovação que estamos a apresentar nos vários temas que estamos a abordar, estamos a ser solicitados numa dimensão superior à nossa capacidade de resposta. Mas acreditamos que, com esta construção de rede, outras associações se poderão juntar a nós e ajudar-nos a construir este projecto, num museu que deverá ser de todos e não nosso. Somos apenas aglutinadores, criadores de intercepções entre as várias associações, fomentando pontes entre os vários projectos e dinâmicas existentes na cidade.

